

Tempo, medo, ignorância e comunicação

Quatro palavras sobre a prática jornalística e as religiões*

Quando as comunidades religiosas, por um lado, e os jornalistas, por outro, forem capazes de conversar e de comunicar, poderá progredir muito mais a prática jornalística em relação às religiões e poderá mudar o olhar das religiões sobre a prática jornalística.

António Marujo
Jornalista, Público

Escolho quatro palavras para fazer um ponto da situação sobre o tema proposto. São quatro palavras que traduzem alguns antagonismos e diversas possibilidades. Descrevo essencialmente situações genéricas, o que significa que há exceções. E refiro-me a esta relação entre a prática jornalística e as religiões a partir de uma experiência em que a maior parte das notícias, tendo em conta a realidade portuguesa, tem a ver com o catolicismo - embora, no meu caso concreto, eu já tenha tido oportunidade de fazer trabalhos com outras confissões religiosas.

As quatro palavras são o tempo, o medo, a ignorância, e a comunicação.

1. O tempo, o que significa? Do lado religioso, o tempo remete para a eternidade, para o absoluto, para o que não tem medida. Entre os profissionais da comunicação social, os jornalistas, o tempo tem uma dimensão efémera, imediata. O jornal de hoje de pouco serve amanhã. A notícia de rádio ou de televisão, que se ouve a determinada hora, fica desactualizada no momento seguinte. Enquanto profissionais, os jornalistas não têm com o tempo e o seu uso a mesma experiência das religiões e dos agentes religiosos. O que conduz a um choque: o que por vezes para nós, jornalistas, é urgentíssimo, para os agentes religiosos é uma coisa que pode vir "a seu tempo".

* Esta intervenção foi feita na comemoração dos dez anos de crónicas de Frei Bento Domingues no *Público*. Esses textos dominicais são, em Portugal, um espaço raro de diálogo entre o discurso religioso e a cultura. Por essa razão e pelo que ficou dito, este texto é também um agradecimento pessoal ao Frei Bento e a tantas conversas que essas já quase cinco centenas de crónicas têm permitido.

2. No universo religioso há ainda muito medo da dessacralização, que neste caso se traduz no receio do que os jornalistas possam fazer com o sagrado. A linguagem jornalística tem que traduzir qualquer facto, também o religioso, de modo a que as pessoas entendam, sem trair o rigor do que se quer comunicar. Mas há muito medo do que pode acontecer quando tem que se dar alguma informação ao jornalista.

Poderia recordar a história da entrevista em que um bispo afirmava ser impossível falar sobre a questão teológica da virgindade de Nossa Senhora em três minutos de televisão. Claro que tem que ser possível falar de qualquer tema em três minutos, ou até menos, em televisão e na rádio ou no espaço finito de um jornal. Caso contrário, é impossível o jornalista exercer o seu papel de mediador entre as fontes da informação (neste caso, as comunidades e os agentes religiosos), e o receptor (leitor, ouvinte, espectador).

Paralelamente ao medo religioso da dessacralização, há o medo dos jornalistas perante o repto que o discurso religioso contém: o apelo a pensar para lá do imediato. A tentação de o jornalismo se ficar por aquilo que acabou de suceder pode ser contrariada por algumas provocações do discurso religioso, que propõe uma reflexão para lá do quotidiano e da simples conversa de café.

3. Após doze anos de trabalho no *Público* (e já antes noutros meios de comunicação), na área da informação religiosa, e apesar de alguns progressos, confesso algum desentanto: as religiões continuam a ignorar algumas regras básicas de funcionamento da comunicação social: a informação sobre o que se faz não passa para os jornais; continua a ignorar--se a importância de ter porta-vozes, de haver serviços profissionais bem dotados; os documentos não são muitas vezes enviados com embargo, de modo a dar possibilidade aos jornalistas de os trabalhar com mais profundidade; descarta-se, enfim, a importância de tornar o facto religioso, uma notícia.

Muitos agentes religiosos entendem que os jornalistas devem ser sensíveis ao fenómeno religioso. Mas é fundamental fazer chegar informação ao jornalista, estabelecer com ele contactos periódicos, criar uma relação de diálogo, saber, enfim, como funciona a comunicação social e como se chega ao jornalista.

A ignorância também existe do lado dos jornalistas. Não se conhecem as diferentes vozes internas, movimentos ou opiniões dentro das comunidades religiosas. Não se sabe valorizar o que é de facto notícia. Por exemplo: já todos sabem o que o Papa pensa sobre o aborto; o que muita gente ignora são as opiniões do Papa sobre questões como o trabalho, a organização das empresas, a pobreza mundial, que passam com muito mais dificuldade nos meios de comunicação social – e isto também acontece por culpa da ignorância dos jornalistas.

Outro exemplo é o que leva a não distinguir opiniões individuais de posições colectivas. Como a informação segundo a qual os bispos tinham tomado uma posição sobre problemas do futebol, que não correspondia à verdade: o jornalista perguntara a um bispo se tinham falado sobre o assunto, ele respondera que sim, tinham falado nos intervalos de almoço e de café, acrescentando considerações sobre a necessidade do país reflectir sobre a violência no desporto. O que tinha sido conversa informal era transformado quase na preparação de um documento colectivo sobre a violência no futebol. O rigor também faz alguma falta.

Mais importante do que ter páginas especiais ou programas específicos de carácter religioso, era que a comunidade e os agentes religiosos assumissem o religioso como um facto, um acontecimento a par das questões da saúde, da política, da economia, do desporto, da cultura.

4. Religião, no seu sentido etimológico, significa religar. Os media, por definição, são meios que servem a comunicação. Por esses dois conceitos passará alguma possibilidade de encontro destes mundos. Em ambos há pessoas concretas. Por isso, quando as comunidades religiosas, por um lado, e os jornalistas, por outro, forem capazes de conversar e de comunicar, poderá progredir muito mais a prática jornalística em relação às religiões e poderá mudar o olhar das religiões sobre a prática jornalística.